
LIBIDO EM MEIO AO CAOS: Relações homoafetivas por meio do aplicativo Grindr em fases distintas da pandemia da covid-19¹

Marcus Vinícius Santos de Almeida²

Alice Roberte de Oliveira³

Fernanda Martinelli⁴

Universidade de Brasília. Brasília, DF

RESUMO

O artigo analisa como a pandemia da covid-19 alterou as relações casuais entre homens moradores do Distrito Federal. A pesquisa está ancorada em três eixos: i) a libido e o desejo sexual enquanto motores para a realização desses encontros; ii) os usos do aplicativo Grindr enquanto facilitador desses encontros casuais; e iii) os protocolos de higiene e as formas de cuidado durante e após o período de isolamento social. O contato e escolha dos interlocutores se deu pelo que denomino “atravessamentos geovirtuais”, isto é, pelo sistema de geolocalização do aplicativo. A observação participante e as entrevistas semiestruturadas compõem o relato etnográfico sobre as consequências da crise sanitária de impactos globais em um contexto particular e contribui para a teorização sobre a pandemia na comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: pandemia, covid-19, materialidade, grindr, homossexualidade.

INTRODUÇÃO

Xisto: Eu acho que existia mais desespero, sabe? Assim no sentido de que ‘ah o mundo vai acabar amanhã então eu quero transar antes que isso aí acabe’, entendeu? Eu acho que isso acontecia, entende? Em vez de que, da pessoa pensar, ‘ah eu quero viver mais um dia’, sabe? Isso não estava acontecendo.

O interlocutor Xisto tem 39 anos, é morador de Águas Claras e se relacionou com um homem que ficou desempregado devido a pandemia da covid-19. Após alguns meses de um relacionamento fechado em meio a crise sanitária, Xisto descobriu que seu parceiro se tornara garoto de programa e tinha relações sexuais com outras pessoas sem a sua ciência. Isto gerou o término imediato da relação e desencadeou um grande trauma. A história de Xisto se soma a de outros interlocutores que abriram as portas de suas casas para esta pesquisa sobre o uso do aplicativo Grindr na busca por parceiros do

¹ Trabalho apresentado na IJ08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação no 8º semestre do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília (UnB), e-mail: marcusdilema@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (PPGCom/UnB), mestre pela mesma universidade, e-mail: alice.roberte@fac.unb.br.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, doutora e mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ e líder do Grupo de Pesquisa Consumo e Cultura Material, e-mail: nandamartineli@yahoo.com.br

mesmo sexo para relações casuais. O intuito foi entender as experiências íntimas nas distintas fases da pandemia da Covid 19, cujo primeiro no Brasil foi registrado em fevereiro de 2020. Desde o surgimento do vírus, os hábitos cotidianos das pessoas e suas relações com o ambiente em que vivem foram afetados drasticamente. Essas nuances foram notáveis principalmente nas relações interpessoais, onde o contato com o outro foi perpetuado especialmente pelos *smartphones*.

Neste projeto, são abordadas algumas transformações nas interações sociais, levando em consideração as mudanças nas narrativas e nas práticas que constroem a ideia de intimidade em locais públicos, privados e domiciliares. A pesquisa está ancorada em três eixos: i) a libido e o desejo sexual enquanto motores para a realização desses encontros; ii) os usos do aplicativo Grindr enquanto facilitador desses encontros casuais; e iii) os protocolos de higiene e as formas de cuidado durante e após o período de isolamento social. Para a construção desse relato etnográfico, utilizamos a abordagem metodológica baseada na obra do antropólogo Grant McCracken (1988) com o método qualitativo de observação participante e entrevistas longas semiestruturadas. As características dos interlocutores foram anonimizadas e foram usados nomes fictícios para garantir a privacidade dos participantes.

O recorte temporal utilizado na pesquisa engloba distintas fases da pandemia, pautadas no antes (até 2020), durante (entre 2020 e 2022) e depois (a partir de 2022, ainda que o fim da pandemia tenha sido decretado pela Organização Mundial da Saúde somente em maio de 2023), com análise das restrições impostas pela crise sanitária. No total, dez pessoas se dispuseram a colaborar com o projeto. A faixa etária dos interlocutores varia entre 24 e 55 anos de idade e, dentre eles, seis se consideram brancos, três se autodeclaram pardos e um se autodeclara negro. Mesmo se tratando de homens que se relacionam com outros homens, há uma variedade na orientação sexual: sete se identificam como gays, outros dois como bissexuais e um se intitula como não heterossexual. A maioria diz não ter nenhuma religião, enquanto três são cristãos, um candomblecista e um agnóstico. A identificação com o gênero masculino é unânime. Dessa forma, este artigo parte de uma amostra com tais características geográficas e socioculturais e analisa as consequências da pandemia em um contexto particular para relacioná-las aos impactos globais da crise.

É fundamental compreender os efeitos da pandemia não apenas em termos sociais, culturais, tecnológicos e políticos, mas também suas implicações em termos de relacionamentos e de saúde pública. De acordo com Gustavo Lins Ribeiro (2021), houveram mudanças significativas na esfera psicossocial dos indivíduos após o período de isolamento social, uma “descotidianização” massiva, onde muitas pessoas se privaram de visitar familiares, amigos, ir ao trabalho ou ter formas de lazer. Contudo, como qualquer evento repentino, os primeiros momentos são mais intensos e conforme o tempo passa, há uma internalização dessa nova rotina, em que muitas pessoas passaram a se referir como “novo normal”. Nesse percurso, recorreremos à definição de “novo normal” de Fernanda Martinelli (no prelo), enquanto um espaço-temporal e cultural no qual o vírus passou a fazer parte do repertório dos interlocutores. Dessa forma, tornou-se notório que “nossa experiência com a pandemia está marcada por transformações profundas nos modos de sociabilidade com lugares, pessoas, e com o mundo material” (Martinelli; Xavier da Silva, 2021, p. 2).

Este relato etnográfico dialoga com os estudos do sociólogo Richard Miskolci (2017), e sua obra “Desejos Digitais: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line”, uma investigação entre usuários do Grindr nas cidades de São Paulo, no Brasil, e São Francisco, nos Estados Unidos, com pesquisa etnográfica entre os anos de 2007 e 2013. Assim, no momento pautado em vivências do “novo normal”, é relevante comparar como essas relações aconteceram nas distintas fases da pandemia e os impactos significativos no meio desses processos.

Ainda de acordo com Miskolci (2017), os aplicativos de relacionamento voltados para o público que busca parceiros on-line causaram grandes transformações nas formas de se relacionar, mas ainda assim trouxeram as preferências heteronormativas e elitistas que as precederam no mundo material. É possível, com isso, fazer uma conexão com os estudos de Bolter e Grusin (2000), que discutem as vivências em novas mídias e tecnologias enquanto versões atualizadas das mídias antigas. Nesse caso, é nítido que as relações sociais existentes antes da internet também foram replicadas com a ascensão de novas formas de comunicação on-line.

O principal motivo que levou à escolha do Grindr como ponte para alcançar os interlocutores desta pesquisa foi sua popularidade e usabilidade, já que é o primeiro aplicativo para relacionamentos, influenciando na criação de aplicativos do mesmo

segmento, como Scruff e Hornet, e voltados para todos os públicos, como o Tinder e Happn. Como pontuam os pesquisadores Ribeiro e Souza (2017), o Grindr vem sendo objeto de problematização no meio acadêmico, especialmente nos campos da Antropologia e da Comunicação. Neste artigo, o objetivo é identificar como a pandemia alterou as relações casuais desses usuários e observar as materialidades das interações virtuais nas relações dessas pessoas durante e depois da crise sanitária da covid-19.

O APLICATIVO GRINDR

O Grindr foi criado em março de 2009 por Joel Simkhai, um empresário israelense-americano do ramo da tecnologia, a partir de sua própria experiência de dificuldade em encontrar parceiros do mesmo sexo em sua região. O aplicativo também é pioneiro ao ser o primeiro a utilizar o sistema de geolocalização do *smartphone*. Sua interface mostra a localização das pessoas mais próximas e ordena os perfis pela distância do usuário, apresentando-os em forma de grade, ou de "cardápio", termo utilizado em tom de brincadeira e intimidade por alguns usuários. Mais recentemente, o aplicativo ampliou o público para além de relações homoeróticas masculinas, incluindo o termo LGBTQ em sua página oficial na última atualização.

O acesso ao aplicativo é gratuito, mas também oferece opção de assinatura paga que permite aos usuários acessarem recursos adicionais. A versão gratuita apresenta diversas limitações, como o número de pessoas que podem ser visualizadas na página inicial do usuário, limitada a 100 perfis, mas cumpre o propósito principal que são relações afetivas duradouras ou rápidas e casuais, também conhecidas por “*hook-up*”⁵ ou “*fast-foda*”. São duas as versões pagas no aplicativo: *XTRA* e *Unlimited*, que dão acessos a mais ferramentas e funcionalidades.

As opções de configuração do perfil no aplicativo incluem preenchimento voluntário de informações como fotos, idade, descrição, altura, peso, posição sexual, status de relacionamento, se aceita fotos de nudez, opções de onde prefere se encontrar, informações sobre ser vacinado contra covid-19 e Monkeypox, se faz uso de PrEP⁶, última data de exames de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), se é

⁵ Termo norte-americano que designa uma forma de sexo sem compromisso (Miskolci, 2017).

⁶ De acordo com o site do Governo Federal, a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) é uma das formas de se prevenir do HIV. Consiste na tomada de comprimidos antes da relação sexual, que permitem ao organismo estar preparado para enfrentar um possível contato com o vírus.

soropositivo etc. Antes, o usuário tinha a opção de preencher a própria etnia, mas esta foi considerada racista por ter sido incluída na opção de filtros de preferências. A categoria foi banida do aplicativo após intervenções dos próprios usuários em 2020, durante os atos do *Black Live Matters* (Ribeiro, 2021).

Uma função importante no app foi o surgimento do “Tap” em 2017, que é um botão no perfil dos usuários que significa a demonstração de interesse, onde a página oficial explica a funcionalidade como uma forma de “quebrar o gelo”. São três opções de ícones dentro do Tap: o emoji de fogo (🔥); o diabo roxo (👿); e um balão azul escrito “Hi!” (Oi!). Se a pessoa que recebe Tap retribuir ao usuário que enviou, é sinal de interesse mútuo, ainda assim é possível iniciar múltiplas conversas sem o envio do Tap. No Brasil, após a expressão “biscoito” ou “biscoitar” virar meme como uma forma de querer obter atenção, o aplicativo ressignificou o Tap para os usuários brasileiros em 2019, substituindo o ícone “Hi!” por um ícone de biscoito (🍪).

"CURTE O QUE?": A PERGUNTA QUE REVELA OS INTERESSES SEXUAIS

A pergunta "Curte o que?" faz parte de um roteiro de conversa comumente utilizado no aplicativo Grindr. Ela geralmente se segue após um breve cumprimento entre os potenciais parceiros, antes mesmo de uma apresentação pessoal sobre o nome e onde mora, por exemplo. O sentido da pergunta é direcionado para o interesse sexual, na intenção de descobrir se o outro é ativo (quem penetra), passivo (quem é penetrado), versátil (que atua nas duas posições), ou *gouinage* (que é o sexo sem penetração).

Tais categorizações sofreram significativas mudanças durante a história da homossexualidade masculina, conforme apontam os estudos do historiador James N. Green (2000). Segundo o autor, entre os anos 1930 e 1960, antes da disseminação da identidade gay, existia uma binariedade imposta entre ser ativo/passivo, onde muitos homens que preferiam a versatilidade não se enquadravam nesse binarismo. Nas palavras dele, “certos homens desfrutavam de múltiplas experiências sexuais, incluindo receber e praticar a penetração anal” (Green, 2000, p. 31).

Ainda nesse sentido, existe uma problematização referente ao uso do termo homens que fazem sexo com homens (HSH), uma forma do indivíduo se mostrar adepto à prática sexual entre homens mas se distanciar da identidade gay. Esse termo é mais

comumente utilizado num ambiente sanitário para a prevenção de doenças como HIV/Aids (Pizzinato et al, 2017). Muitas dessas informações sexuais costumam estar expostas no perfil do usuário do aplicativo e estes são apenas alguns exemplos de um vocabulário que existe dentro do app, incluindo imagens, termos e emojis com significados próprios. Há ainda os usuários utilizam o Grindr enquanto ferramenta de trabalho, por meio do qual oferecem serviços como prostituição, massoterapia e massagem tântrica ou motorista de aplicativo (Uber), sinalizando no perfil.

As formas que os usuários usam da fotografia em seus perfis dizem muito sobre si na leitura dos outros. Parafraseando João Luís Cardoso et al (2019), a foto do perfil, o nome e a descrição do usuário é considerado seu "cartão de visita". Boa parte dos perfis exhibe somente partes do corpo másculo, majoritariamente o abdômen, e também as costas, os bíceps ou as pernas. Dentro do aplicativo, “a imagem, portanto, constitui o primeiro aspecto a ser considerado para qualquer abordagem entre parceiros” (Ribeiro; Souza, 2017, p. 10), Alguns dos motivos destes usuários evitarem mostrar o rosto é o zelo pelo sigilo e discrição, que está diretamente associada à heteronormatividade existente no Grindr. Em um estudo sobre heteronormatividade em aplicativos realizado em Minas Gerais com 32 interlocutores, foram pautados incômodos que perpassam a estigmatização, preconceitos disfarçados e distanciamento do outro que não performa os padrões hegemônicos de masculinidades (Saraiva et al, 2020). Incômodo também presente na pesquisa de Cardoso et al (2019) que foi realizada no Rio Grande do Sul.

DAS TELAS PARA O CAMPO: O PROCESSO DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

Comecei a usar o aplicativo Grindr em 2016 e, ao longo desses oito anos, presenciei as diversas atualizações citadas anteriormente no aplicativo em decorrência de mudanças socioculturais no contexto de seus usuários. O conhecimento prévio desses significados viabilizou contatos com usuários do Grindr, e se inscreve no registro do que a socióloga Jodi Taylor (2011) discute a respeito da questão ética envolvida na pesquisa realizada por pesquisadores que também possuem um relacionamento próximo com seus participantes, considerando os desafios da imparcialidade e os cuidados para evitar danos às relações pessoais. Nesse sentido, é notório que minhas experiências no Grindr permitiram condutas que uma pessoa heterossexual ou que nunca usou o aplicativo não entenderia num primeiro contato. O antropólogo Gilberto Velho (1981)

aborda a importância de se ter um período razoável de vivência com o objeto de estudo, pois certas coisas não aparecem na superfície. Esse é um privilégio em ser um *intimate insider*, na visão de Taylor (2011), pois estando imerso nas vivências e experiência do meu campo de estudo, é possível ter a profundidade necessária de análise. Ainda assim é preciso exercitar o que Velho (1981) estabelece como *estranhamento do familiar*, pois a minha visão pode estar comprometida pela rotina, hábitos e estereótipos.

Todos os interlocutores foram abordados dentro dos meus trajetos diários do pelo DF (Imagem 1), onde circulo por meio do uso de transporte público (ônibus e metrô), entre eles: Ceilândia, Região Administrativa onde resido; o campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília, situado na Asa Norte; o local de trabalho, em Águas Claras; e demais Regiões Administrativas que a linha laranja do metrô de Brasília cruza (Taguatinga, Águas Claras, Guará e Asa Sul). Isso compreende cerca de 40 quilômetros quadrados no território do DF.

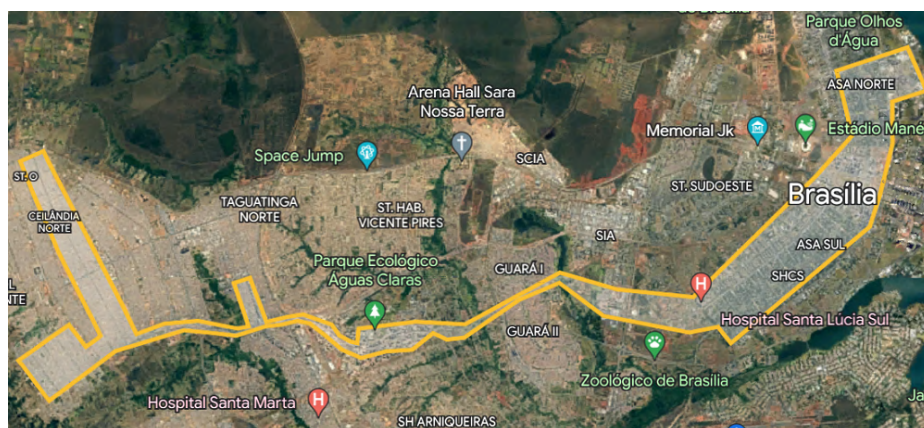


Imagem 1: trajetos diários do pesquisador. Fonte: Google Maps, marcações nossas, 09/08/2023.

As dez entrevistas aconteceram no período de fevereiro de 2023 a junho do mesmo ano, sendo todas realizadas de forma presencial e preferencialmente nas casas dos interlocutores, totalizando sete entrevistas em residências e três em público. Essa escolha se deu para observar a materialidade no contexto de intimidade dos entrevistados, isto é, a composição de suas casas, estética e coisas, além de trazer mais abertura ao roteiro semiestruturado da entrevista longa.

As formas de contato e escolha dos interlocutores se deu pelo que chamo nesta pesquisa de “atravessamentos geovirtuais”, ou seja, por meio desse sistema de

geolocalização do próprio aplicativo, que mostra outros usuários fisicamente próximos. Assim, o meu perfil esbarrava virtualmente com os perfis ao redor e possibilitava uma conversa por chat onde eram dados mais detalhes sobre a pesquisa e, depois, era feito um convite para a participação da entrevista qualitativa. Esses "atravessamentos geovirtuais" só foram possíveis após o controle de casos do coronavírus da pandemia da covid-19 por meio da vacinação, que permitiu a redução nas medidas de segurança e a retomada da circulação pela cidade. Nas palavras do interlocutor Max, “o Grindr também não tem tanta inovação pra quem está num lugar fixo”. Por inovação, entendo como a variedade de possíveis parceiros que se pode encontrar no aplicativo, uma vez que se deslocando por diferentes lugares, há uma diversidade de perfis exibidos no Grindr. Da mesma forma, o pesquisador Eduardo Bianchi (2014) argumenta que na medida em que o usuário se desloca por áreas urbanas e espaços diversos, este será beneficiado por uma variedade de estilos e tipos de usuários.

É importante destacar que meu perfil pessoal no aplicativo foi reconfigurado para caracterizar o perfil de um pesquisador, com fotos e descrição explicitando o intuito de realização desta pesquisa, pois este sendo um aplicativo para fins de relações sexuais casuais, é comum haver expectativas adjacentes ou segundas intenções em algumas das abordagens, demandando um alinhamento dos interesses entre o pesquisador e o interlocutor para não se confundirem os limites exclusivamente acadêmicos e de pesquisa qualitativa. Foi usada como imagem de perfil uma montagem (Imagens 2 e 3) com informações e chamada para a pesquisa e, nas imagens seguintes, foram colocadas fotos minhas para gerar proximidade com potenciais interlocutores.

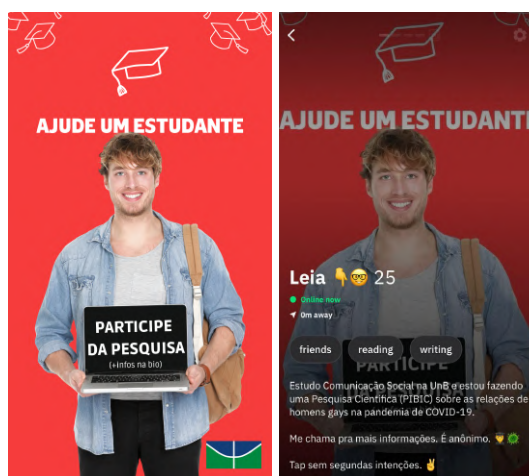


Imagem 2 e 3: Perfil do pesquisador no aplicativo Grindr durante a pesquisa de campo. Fonte: Marcus Almeida, 09/03/2023.

Essas modificações visaram trazer transparência ao processo de contato e escolha dos participantes e na coleta de dados da entrevista qualitativa através do método de entrevista longa de Grant McCracken (1988). Essa metodologia permite um aprofundamento nas visões de mundo dos interlocutores num período de tempo curto, por meio de perguntas semiestruturadas.

OS IMPACTOS DA PANDEMIA NOS RELACIONAMENTOS

Durante as entrevistas, foi recorrente o relato de ansiedade e busca por refúgio nas mais distintas fases da pandemia. Um destes escapes foram as relações sexuais casuais, majoritariamente arranjadas por intermédio das virtualidades, já que o isolamento social desarranjou as vivências em sociedade. Naquele período da crise, as interações presenciais foram transpostas para o "existir" de forma on-line em grande parte do tempo, para quem dispunha do privilégio de poder ficar em casa.

Os interlocutores Tomás e Apolo, moradores de Taguatinga, com idade de 38 e 48 anos, respectivamente, são casados há onze anos e estão em um relacionamento aberto há sete. Isto é, cada um pode compartilhar suas intimidades e ter relações sexuais com outras pessoas, estando juntos ou separados, conforme explica a psicanalista Regina Navarro Lins (2017). Segundo a autora, este é um relacionamento não-monogâmico e se difere do relacionamento monogâmico que caracteriza uma relação fechada, não admitindo a presença afetiva de mais ninguém. No relato do casal, emergiram ponderações sobre o desejo sexual e a libido no tocante à convivência em meio a pandemia, onde os argumentos dos dois interlocutores se contrastam. Enquanto Tomás se sentiu frustrado pelo declínio da quantidade de sexo e da libido de seu parceiro, Apolo, por sua vez, enxergou as constâncias sexuais do casal de forma análogas tanto antes quanto depois da pandemia. Tomás se queixa que antes da pandemia não aconteciam cobranças que passaram a acontecer depois.

Pesquisador: E como eram seus relacionamentos antes da pandemia além do seu casamento?

Tomás: Era bem mais livre. Era muito tranquilo. Principalmente quando eu fiquei desempregado e ele estava trabalhando. Eu tinha tardes livres, eu saía. Eventualmente abria um aplicativo, acontecia [encontros casuais]. Muito mais tranquilamente assim.

Com a pandemia, todos os interlocutores relataram mudanças drásticas em seus encontros casuais, a maioria identificou um decréscimo significativo na quantidade dessas relações sexuais, pois se submeteram a um tipo de abstinência sexual durante certo período da pandemia, com intervalos de 15 dias a 2 anos.

Houveram, no entanto, aqueles que durante a pandemia tiveram relações sexuais com máscara de proteção facial. Segundo a antropóloga Mary Douglas (1976), a noção de higiene que temos é de que “nossa ideia de sujeira é dominada pelo conhecimento de organismos patogênicos” (Douglas, 1976, p. 50). Para a autora, a anomalia é um elemento desajustado de um dado conjunto e estes eventos anômalos podem ser considerados como perigosos. Há várias maneiras de lidar com esta anomalia, de forma negativa ou positiva, onde é possível ignorá-la ou confrontá-la e criar um novo padrão de realidade respectivamente. Considerando a pandemia da covid-19 como uma anomalia, é notório as maneiras que os interlocutores lidaram com o coronavírus nesse período, no caso, fazer sexo com o uso de máscara de proteção facial, que é o caso de Max, de 39 anos, morador de Águas Claras.

Pesquisador: Já fez sexo usando máscara?

Max: Não. Não. Não. [...] Mas já recebi alguém em casa que preferia usar.

Pesquisador: Mas aí ficou de máscara e completamente nu?

Max: Sim. Sim. Sim. Teve o ato sexual, tudo, tudo normal, mas com essa questão do outro ficar de máscara, né?

Pesquisador: E com esses homens de máscara, vocês usaram preservativo?

Max: Não.

Pesquisador: Então usam máscara e não usam preservativo?

Max: Exato.

É possível observar, entre os interlocutores, um pânico inerente ao coronavírus e, ao mesmo tempo, um desleixo em relação a outros vírus e ISTs, como HIV/Aids. Dois parceiros de Max, por exemplo, optaram em abdicar do uso de preservativo no ato sexual, mas usaram máscara de proteção facial como forma de se precaver do coronavírus. Nove dos dez interlocutores relataram já ter feito sexo sem o uso de preservativo em algum momento de suas vidas, inclusive antes, durante e depois da pandemia, onde muitos justificaram essa escolha por fazerem uso contínuo de PrEP. Outra situação parecida aconteceu com Gael, de 25 anos, morador de Santa Maria. Mas no caso dele, foi uma opção à vivência positiva da anomalia ao confrontar o convite de fazer sexo usando máscara.

Outra forma de lidar com a crise sanitária foi através dos processos de higienização para receber parceiros sexuais em suas residências. Todavia, conforme o tempo passava, os cuidados também evaporavam e os interlocutores relataram certo relaxamento em seguir tais protocolos, como é o caso de Xisto, que citou ter tido uma “zona de covid” perto da porta de entrada cercada por fitas no chão, onde colocava as coisas vindas diretamente da rua. Com o tempo, Xisto disse que isso foi ficando maleável e, em suas palavras: “a zona do covid que ficava ali na porta eu desmanchei”. Dessa forma, grande parte dos relatos indicam capacidade de adaptação à nova realidade de contágio e de confrontar os perigos da crise sanitária, no sentido de seguir os protocolos de higiene que foram se perdendo durante o tempo. Também apontam a situações onde foi optado por ignorar o que estava acontecendo e suprir as necessidades libidinosas em meio ao caos.

A relação com profissionais do sexo também se fez presente em outro momento das entrevistas, mas dessa vez de forma consentida, ao contrário do que aconteceu com Xisto que cito no início deste artigo. Dido, 55 anos, outro interlocutor também de Águas Claras, relatou que a pandemia da covid-19 trouxe muita ansiedade no seu cotidiano e uma das maneiras de extravasar esse sentimento foi através de muitas relações sexuais durante a pandemia. O interlocutor sentiu sua libido muito alta, recorrendo ao contato de garotos de programa em determinados momentos.

Dido: Tinha uma hora que dava aquela coisa na cabeça, eu contratava até garoto de programa. Entendeu? E aí também uma vez ia ter contato não estava mais estressado não. Se for pegar [a covid-19] vou pegar.

É possível observar que o refúgio emocional sobressaiu às precauções e recomendações de prevenção ao contágio do coronavírus quando Dido diz que “se for pegar vou pegar”. Ainda assim, em diversos momentos o interlocutor pontua que tomou as precauções necessárias, mesmo tendo “bagunçado” posteriormente, isto é, se descuidado ao desrespeitar orientações das autoridades de saúde. Em suas palavras, “no início eu fui super cuidadoso. Aí depois eu baguncei um pouco. Mas era sempre assim, sempre encontrar uma pessoa, nunca fiz orgia nem nada”.

A saúde mental durante o isolamento foi um tema recorrente nas entrevistas e, às vezes, também usada como justificativa para a quebra de alguns protocolos de higiene e limpeza durante a crise sanitária. Nos relatos, é possível identificar ações como o uso de

máscara durante essa quebra de protocolos do isolamento social para aliviar um peso na consciência dos interlocutores. Esse posicionamento foi relatado por Miguel, de 27 anos e morador de Ceilândia, quando fez uma viagem no meio da pandemia, mas enfatiza ter seguido todos os protocolos de higiene, abstendo-se também de sexo nesse período. Em seu relato: “muitos amigos pararam de falar comigo porque eu viajei também pra São Paulo, mas eu estava com máscara, sabe?”.

Dentro do tema da saúde mental, emergiram queixas sobre o Grindr ser um ambiente tóxico, argumento que perpassa os estudos de pesquisadores como Miskolci (2017), Cardoso et al (2019) e Ribeiro e Souza (2017). Discurso também presente no relato do interlocutor Miguel, onde ele aponta viver e ser parte dessa “toxicidade” do aplicativo.

Miguel: Eu acho que o Grindr não é o melhor aplicativo pra se ter, o melhor aplicativo pra você viver a sua vida sexual lá, por lá, né? Porque lá é muito tóxico. Mas tóxico, quem faz a toxicidade é a gente, né? Todo mundo de lá é tóxico. Posso falar assim porque eu sou também um pouquinho.

A “toxicidade” se dá pelas formas de interação dos usuários (bloqueios, ignorar mensagens do outro, ofensas) e pelos padrões estéticos hegemônicos e heteronormativos presentes no app. Nesse caso, cabe o questionamento sobre o incômodo sentido nas experiências dos usuários, mas ao mesmo tempo continuarem com o uso corriqueiro do Grindr. Apesar da suposta “toxicidade” da plataforma, os participantes apresentam hesitação em deletar o perfil, algo que relaciono à necessidade de reordenar suas vidas sem a materialidade das relações que o aplicativo proporciona e que pode ser lido como o luto. As pesquisadoras Martinelli e Pereira (2020) destrincham os sentidos das perdas e do luto através dos estudos de Daniel Miller e pontuam que “o processo doloroso do luto envolve, primordialmente, dar destino às coisas que ficaram sem dono” (Martinelli; Pereira, 2020. p. 901). O perfil, quando desativado no aplicativo, não tem mais um dono, até ser interrompido pela reinstalação do aplicativo e recriação ou reutilização do perfil anterior, uma “ressurreição material” que só é possível na era digital.

Miller (2013) diz que a mídia é bem menos óbvia que uma coisa material, onde cabe tratá-la como forma de tecnologia. “A internet não é uma coisa e não tem forma material clara, exceto através da caixa e da tela que é o computador” (Miller, 2013, p. 165), onde um de seus principais papéis é realizar uma necessidade primária do ser humano, que é se comunicar. De certo modo, se forma uma pressão com relação a um

sentimento de solidão. Essa pressão teria, de alguma maneira, influência na necessidade de comunicação apenas como um fim para os usuários do Grindr? Em meio à solidão e ansiedade do isolamento, seria uma forma de usufruir da facilidade das mensagens por meio do aplicativo para obter a necessidade primária de se comunicar suprida?

É possível observar essa necessidade de contato em vários interlocutores. Muitos deles utilizaram o Grindr durante a pandemia apenas como fim de conversa, se respaldando no isolamento social para evitar o encontro cara a cara. Xisto, em determinado momento, relatou que se sentia solitário e usufruia do aplicativo para conversar e buscar algum "dinamismo", no sentido de sair da rotina solitária do isolamento e interagir socialmente. Também é possível observar este comportamento no interlocutor Max, que durante a pandemia usou o aplicativo não para marcar encontros, mas porque “conversava bastante”.

Outras formas de escape que alguns interlocutores usufruíram durante a pandemia para lidar com a libido e o desejo sexual foram o consumo de pornografia, a masturbação e os brinquedos sexuais, conforme me relataram. No tocante à pornografia, a necessidade de consumo foi extrema, ao ponto de existir uma dificuldade de alguns interlocutores em abandonar esse hábito no "novo normal", como também é o caso de Max, que ficou viciado em pornografia e diz que “depois que eu retomei as minhas atividades sexuais eu passei um tempo com dificuldade de largar [a pornografia]”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lidar com a libido no meio de um cenário caótico de "descotidianização da vida" (Ribeiro, 2021) e recheado de facilitadores tecnológicos da pós-modernidade foi um processo arrebatador para muitas pessoas. Diante dos dados qualitativos coletados neste projeto, foi possível destringir as maneiras que homens gays, bissexuais e não-heterossexuais enfrentaram com as divergências desencadeadas pela crise sanitária.

Também foi possível observar o contraste nos discursos entre quem já possuía algum tipo de relacionamento durante a pandemia, tanto em relação monogâmica quanto não-monogâmica, e indivíduos que não estavam em uma relação afetiva. Os relatos de precaução e cuidado com a saúde durante os encontros mediados pelo app, bem como a abstinência sexual, foram vividos de formas únicas por esses dois grupos.

As preocupações decorrentes da crise sanitária impactaram os padrões higiênicos de alguns interlocutores, de modo que em alguns relatos emergem a descrição de experiências sexuais envolvendo o uso de máscara de proteção sem vinculações com fetiches, além de uma noção de proteção e autocuidado, ainda que o uso de preservativos e outras medidas de prevenção de ISTs fossem ignoradas, demonstrando ambiguidade no comportamento dos interlocutores.

No "novo normal", os interlocutores sentiram mudanças significativas em seus encontros casuais, alguns voltaram a ter “*fast-fodas*” de forma gradativa e mais frequentes, outros ainda se sentem receosos ao não cumprirem algum hábito de higienização antes da relação, como álcool em gel nas mãos, e em outros casos, a libido exacerbada durante a pandemia se normalizou após o fim da crise sanitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIANCHI, Eduardo. Caminhos de prazer, caminhos de lazer: Imagens corporais de desejo na rede geosocial Grindr. 2014.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. Remediation - Understanding New Media. United States of America: First MIT Press paperback edition, 2000.

DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

GREEN, James N. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. [s.l.] São Paulo, Ed. Unesp, 2000.

CARDOSO, João Luís et al. Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr. v. 30, 22 ago. 2019.

LINS, Regina Navarro. Novas Formas de Amar. São Paulo: Editora Planeta. 2017.

MARTINELLI, Fernanda; PEREIRA, Cláudia. As pessoas, as coisas e as perdas: Perspectivas da Cultura Material e do Consumo nos Estudos de Daniel Miller. Sociologia & Antropologia, v. 10, p. 887–905, 2020.

MARTINELLI, Fernanda; XAVIER DA SILVA, João Guilherme. A cultura material da pandemia: consumo, pureza e perigo. in: Anais da XXX Compós, São Paulo, 2021.

MCCRACKEN, Grant. The long interview. S.l.: Sage Publications, 1988.

MILLER, Daniel. Trecos, Troços e Coisas. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

MISKOLCI, Richard. Desejos Digitais: uma análise sociológica na busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017.

RIBEIRO, Christopher Samaron Klein; SOUZA, Rosana Vieira de. Consumo e Performance em Redes Geossociais Homoafetivas: as Narrativas de Usuários do Aplicativo Grindr. 2017

RIBEIRO, 2021. “Descotidianizar” el mundo. La pandemia como evento crítico, sus revelaciones y (re)interpretaciones. Desacatos 65. janeiro-abril 2021, pp. 106-123. 2021.

SARAIVA, L.; SANTOS, L.; PEREIRA, J. Heteronormativity, Masculinity and Prejudice in Mobile Apps: The Case of Grindr in a Brazilian City. Brazilian Business Review, v. 17, n. 1, p. 114–131, 1 jan. 2020.

TAYLOR, Jodie. The intimate insider: negotiating the ethics of friendship when doing insider research. Qualitative Research, v. 11, n. 1, p. 3-22, 2011.

VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura. [s.l.] Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 1981.

BBC News: Grindr removes 'ethnicity filter' after complaints. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/technology-52886167>>. Acesso em: 16 de agosto de 2022.

GOVERNO FEDERAL. Ministério da Saúde. Prevenção Combinada: PrEP - Profilaxia Pré-Exposição. Disponível em: <<https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/prevencao-combinada/prep-profilaxia-pre-exposicao/ep-profilaxia-pre-exposicao>>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

APPLE INC. Grindr - Conversa gay. Disponível em: <<https://apps.apple.com/br/app/grindr-conversa-gay/id319881193>>. Acesso em: 21 de março de 2023.

Taps. Disponível em: <<https://help.grindr.com/hc/en-us/articles/1500008659062-Taps>>. Acesso em: 02 de julho de 2023.